

COMENTÁRIO BÍBLICO

2º Domingo da Quaresma – Ano A

08março2020

Génesis 12,1-9; Salmo 33,16-21; Romanos 4,1-5.13-17

S. Mateus 17,1-9

¹Seis dias depois, Jesus subiu a um alto monte e apenas levou consigo Pedro e os dois irmãos Tiago e João. ²O seu aspeto transformou-se então diante deles. O rosto ficou brilhante como o Sol e a roupa cintilante como a luz. ³Nisto, viram Moisés e Elias a conversar com Jesus. ⁴Então Pedro exclamou: «Senhor, é tão bom estarmos neste lugar! Se quiseres, faço aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.» ⁵Ainda ele estava a falar, quando uma nuvem brilhante apareceu por cima deles. Da nuvem saiu uma voz que dizia: «Este é o meu Filho querido em quem tenho toda a satisfação. Escutem o que ele diz!» ⁶Ao ouvirem aquela voz os discípulos curvaram-se até ao chão e tiveram muito medo. ⁷Mas Jesus aproximou-se e tocou-lhes, dizendo: «Levantem-se! Não tenham medo!» ⁸Quando levantaram os olhos não viram mais ninguém senão Jesus.

⁹Ao descerem da montanha, Jesus avisou-os para não contarem a ninguém o que tinham visto, antes de o Filho do Homem ressuscitar.

1. A descrição da Transfiguração de Jesus pode ler-se também em S. Marcos 9,2-8 e em S. Lucas 9,28-36, embora com algumas diferenças. Os especialistas no estudo dos Evangelhos sinóticos destacam o paralelismo entre o relato de Mateus e o da entrega das tábuas da Lei a Moisés, no Sinai (Êxodo 24 e 34). Reparemos nas semelhanças: subida ao monte com um grupo selecionado (Mat 17,1 = Ex 24,12.15-18; 34,3); rosto transfigurado (Mat 17,2 = Ex 34,29-35); nuvem brilhante (Mat 17,5 = Ex 24, 15-18; 34, 5); voz saída da nuvem (Mat 17,5 = Ex 24,16); medo dos presentes (Mat 17,6 = Ex 34,29-30). Ora, estas semelhanças, concluem, não são meras coincidências. O relato da Transfiguração em Mateus propõe-nos olhar Jesus como o novo Moisés assistido pelos dois personagens do AT que personificam a religiosidade judaica – Lei e os Profetas – que Jesus declarou vir cumprir (Mat 5, 17). Assim, “Mateus, que escreve entre os judeus e para os judeus, procura mostrar na pessoa e na obra de Jesus principalmente o cumprimento das Escrituras”ⁱ. No fim do relato, Jesus está só, a querer dizer que na Sua pessoa uma nova era se inicia, uma nova Lei perfeita e definitiva (“*O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros como eu sempre vos amei*” – S. João 15,12) se estabelece e emana de Jesus só (“*escutem o que ele diz*”).

2. Mas o paralelismo escriturístico entre a Transfiguração em Mateus e o relato da entrega das tábuas da Lei a Moisés permite-nos uma outra reflexão. No Monte Sinai o Deus que se revelou a Moisés foi o das regras e obrigações que ameaçavam e atemorizavam o povo amedrontado e reverente, em expectativa (“*todo o povo respondeu, numa só voz: «Faremos tudo o que o SENHOR ordenou.»* – Êxodo 24,3). Ao contrário, o relato de Mateus do monte da Transfiguração descobre-nos um Deus que infunde paz, que se desprende de Moisés e Elias e retira o medo e no fim alude à ressurreição. Isto é, o monte Sinai e o monte da Transfiguração, enquanto relatos paralelos, expressam mensagens religiosas distintas sobre a identidade divina. Um, mostra-nos o Deus que age por imposições e ameaças, o outro, é o Deus da presença entre o povo, apontando a vida e a esperança. Ora, estas ‘imagens’ de Deus quantas

vezes ocorrem à nossa mente perante as dificuldades com que nos deparamos na vida. Esta, por sua vez, pode ser formatada à luz da ideia de Deus com que nos acostumamos ou que melhor nos interessa em cada momento. Então é bom que nos apercebamos que cada crente caminha e atua segundo e conforme o Deus em quem crê, como nos é ensinado no sermão do monte (Mat 5).

3. «Da nuvem saiu uma voz que dizia: 'Este é o meu Filho querido em quem tenho toda a satisfação. Escutem o que ele diz!'. Escutar o quê? O anúncio da paixão e morte de Jesus, que, aliás, Pedro tinha recusado antes (Mat 16,21-22). Na versão da Transfiguração de S. Lucas refere-se o tema da conversa entre Jesus e os outros dois personagens: "eram Moisés e Elias, rodeados duma luz celestial, a falar da sua morte que ia cumprir-se em Jerusalém." (S. Lucas 9, 30-31). Uma afirmação explícita de que a saída (êxodo) da vida de Jesus teria de passar pela morte. 'Não será arrebatado, vivo, até aos céus como Elias ou Moisés. Terá mesmo de morrer.'ⁱⁱ Então, torna-se claro, Jesus é apresentado como "modelo" de Deus, mas não aquele que habitava na cabeça das pessoas que esperavam o Messias poderoso e arrebatador. Antes, Jesus, como Filho querido, na sua natureza humana expressa a vontade divina de colocar-se ao lado dos mais precisados, dos excluídos, dos injustiçados, assumindo a luta contra o medo, contra o poder que submete, assusta e oprime, mesmo que este se apresente em nome de Deus. E fá-lo sabendo que no fim da sua vida se encontrará com a maledicência, a incompreensão e injustiça humanas seguidas de morte violenta na cruz. A quem quiser seguir estes passos de Jesus pode acontecer o mesmo. Ora, isto é o que nos transfigura, o que verdadeiramente dá sentido à nossa vida, o mesmo sentido que teve a vida de Jesus. Podemos desfazer-nos de medo até chegarmos a bater o rosto em terra. Mas, uma voz calma e segura se fará ouvir: *levanta-te, não tenhas medo!*

Recitemos com alegria o **Salmo 100 – Hino de louvor** – pela passagem do 140º aniversário do Sínodo Constitutivo da Igreja Lusitana (Livro de Liturgia, pág 439)

+ Fernando
Bispo Emérito da Igreja Lusitana

Fontes:

Leituras bíblicas dominicais e Salmos do Livro de Liturgia da Igreja Lusitana
Textos bíblicos da versão "A Bíblia para todos Edição Comum" da Sociedade Bíblica de Portugal
– <http://pt.bibles.org/>

ⁱ Introdução aos Evangelhos Sinóticos in A Bíblia de Jerusalém, Edições Paulinas, edição dezembro de 1985, pág 1833

ⁱⁱ Frederico Lourenço in BÍBLIA – vol I NOVO TESTAMENTO – Os Quatro Evangelhos – nota introdutória ao capítulo 17 de S. Mateus, pág. 115